

QUEIROZ¹, Rafaela Josemara Barbosa **NASCIMENTO²**, Walnice Maria Oliveira do;

A graviola apresenta-se atualmente como uma das fruteiras de relevância na região do trópico úmido, para o desenvolvimento de uma fruticultura racionalizada e com boas perspectivas econômicas, quer seja na comercialização “in natura” ou para industrialização. A crescente demanda e interesse pela gravioleira, por parte do consumidor e da indústria de suco, promoveram um rápido aumento da área de cultivo com esta fruta (Pinto & Ramos, 1997). Entretanto, sua produção e produtividade têm sido reduzidas pelo ataque de pragas, e sua comercialização pela durabilidade dos frutos para armazenamento. Ainda não existem variedades definidas de gravioleiras. Entretanto, são conhecidos tipos que se diferenciam pelo formato e sabor do fruto e pela consistência da polpa. No Nordeste predomina a gravioleira denominada crioula, com frutos cordiformes, polpa mole, doce e subácidas. Outros tipos vêm sendo explorados em escala comercial, destacando-se a Lisa, Morada e Blanca, tipos introduzidos na Colômbia, mais produtivos, com frutos maiores e mais arredondados. A morada apresenta frutos com coloração amarelada, sendo mais tolerante ao ataque da broca-do-fruto (*Cerconota anonella*) e broca-do-tronco (*Cratosomus bombina bombina*). Ultimamente, os tipos FAO I e FAO II vêm sendo introduzidos com bastante aceitação. Germoplasmas de gravioleiras são encontrados na EMBRAPA-CERNAGEM (Brasília, DF), EMBRAPA-CPAC (Brasília, DF), IPA (Recife, PE), EBDA (Salvador, BA), INPA (Manaus, AM) e universidades (UNB e UNESP), Araújo et al. (1998). A grande parte dos pomares comerciais de gravioleiras do Brasil foram formadas a partir de semente, porém, maior produtividade e melhor qualidade são obtidas utilizando plantas enxertadas a partir de matrizes selecionadas. A multiplicação vegetativa provoca um melhor desempenho desta cultura. Ledo & Fortes (1991) comentam sobre a importância do uso da propagação vegetativa para a espécie. Sendo a enxertia uma técnica que visa, principalmente, garantir a propagação da planta com boas características de produtividade e de tamanho do fruto, além de induzir a precocidade de produção e porte baixo, é de conhecimento geral que a fruticultura moderna baseia-se na utilização de porta-enxertos, possibilitando o cultivo de inúmeras variedades em regiões e climas diferentes (Bezerra & Lederman, 1997). Segundo Araque citado por Calzavara & Müller (1987), devido a gravioleira ser uma fruteira que apresenta dicogamia em sua floração, é comum a propagação vegetativa pelo método de enxertia, principalmente a borbulhia, embora possa ser usado o método de garfagem com sucesso satisfatório na propagação vegetativa da espécie (Queiroz, 1999), sendo este último método o mais eficiente por apresentar melhor pegamento e desenvolvimento rápido do enxerto (Araújo et al., 1998). O processo de enxertia apresenta a vantagem de manter plantas com características desejáveis. No caso da formação da muda por enxertia, recomenda-se a garfagem no topo em fenda cheia (Gazel & Lima, 1999). Como o êxito ou insucesso de uma enxertia está, entre outros fatores, relacionado com a idade do porta-enxerto, segundo Mello et al. (1983), é também recomendável o uso da própria gravioleira, com doze meses de idade, como porta-enxerto.

O experimento tem como objetivo, avaliar a influência do material vegetativo (genótipos) de gravioleira, sobre a percentagem de pegamento através do método de enxertia em garfagem no topo em fenda cheia em clones provenientes do Banco de Germoplasma da Embrapa-Acre. O presente estudo constitui-se na primeira etapa do programa de melhoramento da cultura no Estado do Pará. O programa de melhoramento genético da gravioleira em desenvolvimento na Embrapa Amazônia Oriental vem utilizando seleção clonal. A vantagem é a obtenção de clones em prazo reduzido para atender as demandas imediatas do setor produtivo.

O trabalho está sendo conduzido no viveiro de produção de mudas do Laboratório de Ecofisiologia e Propagação de Plantas da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA. Os clones introduzidos foram: LISA, IPA, A, B, FAO II, Colombiana, Blanca, RBR e Morada. As ponteiros foram coletadas no mesmo dia e acondicionadas em sacos de plásticos e enrolados em jornal umedecido. Foram recebidas ponteiros terminais em média, nove gemas, 20cm de comprimento e 0,7cm de diâmetro, sendo em seguida enxertadas por um mesmo enxertador, em porta-enxertos de gravioleiras com idade aproximada de 12 meses. Cada enxerto foi coberto com câmara úmica, constituída de saco de plástico transparente umedecido internamente, o que manteve a ponteira túrgida até a consolidação da união enxerto x porta-enxerto. A câmara úmica será removida, apenas quando os enxertos emitirem brotações, o que acontecerá em torno de trinta dias após a enxertia.

O delineamento experimental utilizado foi de blocos ao acaso com três repetições de cinco plantas por parcela.

¹ Bolsista PIBIC/CNPq/FCAP Acadêmica do 3º semestre do Curso de Engenharia Agrônoma FCAP Caixa Postal 917 CEP: 66077-530, Belém-PA.

² Pesquisador M. Sc. Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 048, CEP: 66017-970, Belém-PA.